

## **Fanzine como extensão no ensino de jornalismo: o voo do Sibita<sup>1</sup>**

Yara MEDEIROS<sup>2</sup>

Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, Maranhão, MA  
Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, PE

### **RESUMO**

No Projeto de Extensão “Zine Experiência – Sibita revista artesanal”, estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, no campus de Imperatriz, foram estimulados a produzir um fanzine sobre a cultura da cidade. Fanzines ou zines são publicações artesanais de baixo custo com expressões pessoais e temáticas que geralmente não se enquadram nos meios tradicionais. A partir da experiência de elaboração de quatro edições do Sibita, relata-se a metodologia de produção, o conteúdo e as habilidades jornalísticas exercitadas. A iniciativa mostrou-se viável para o ensino de jornalismo envolvendo os alunos em todas as etapas de produção de uma publicação em papel. O projeto pretende estimular práticas pedagógicas diferenciadas no ensino de jornalismo buscando exercitar o amor pela profissão e a consciência de sua responsabilidade social.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura; fanzine; impresso, projeto de extensão; revista artesanal.

### **Um voo livre**

A atividade laboratorial nos cursos de Jornalismo é essencial ao aprendizado. Com a instituição das novas diretrizes para os cursos desta área, foram renovadas as crenças em uma formação equilibrada entre teoria e prática. Em meio ao crescente e indiscutível protagonismo dos suportes digitais, os impressos podem ser preteridos devido ao alto custo de produção. Ainda que tenhamos jornais-laboratório sendo desenvolvidos em muitas faculdades do país, nem sempre são impressos, assim como as revistas. A elaboração segue as técnicas e as características de formatos gráficos, mas a disponibilização final do material é “folheada” em ambientes digitais.

Diante do desafio de estimular a produção de mídias em papel, o fanzine apresenta-se como alternativa para que os estudantes vivenciem a circulação material de suas produções em contato próximo com os leitores. Fanzines são publicações artesanais independentes produzidas sem fins comerciais para disseminar informação sobre temas pelos quais seus editores são apaixonados. De baixo custo e tiragem, o formato clássico é feito em folhas de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste

<sup>2</sup> Docente da Universidade Federal do Maranhão, no curso de Jornalismo de Imperatriz. É estudante de doutorado no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Email: santayara@gmail.com.

papel A4 para dinamizar a reprodução. Em seus mais de 80 anos de história, os fanzines já foram reproduzidos em mimeógrafos, fotocopiadoras e impressos. Surgiram nos Estados Unidos, na década de 1930, divulgando histórias de ficção científica. Popularizaram-se entre poetas e ilustradores que publicavam buscando divulgar seu próprio trabalho.

O movimento punk, na década 1970, reconheceu as técnicas de produção do zine como uma potência para divulgação e troca de ideias sobre bandas que a mídia tradicional pouco dava espaço. Essa cultura disseminou-se nas décadas de 1980 e 1990 por variados grupos, como ilustradores e poetas independentes, que disseminam largamente seus trabalhos nesse suporte e também englobam todo tipo de tema: história em quadrinhos, cultura, poesias, arte, música, militância, cinema e fotografia. Na estética rebuscada e caótica da colagem materializaram-se os ideais, gostos e discursos de toda uma geração.

Entre os aspectos fundamentais do fanzine destaca-se o caráter sem fins lucrativos, sem preocupação com o mercado editorial e, justamente por isso, diferente de uma revista tradicional. Conforme aponta Campos (2009, p.2), “é uma forma de expressão livre, feita em função dos direcionamentos dados pelo grupo de editores”. Esse fator democratizante do fanzine lhe confere um papel especial na vida pública, mesmo que a internet tenha suprido parte da ânsia por acesso ao conhecimento.

É fato que parte dos zineiros migrou para o suporte digital criando os *e-zines*, ou *blogs*, porém o formato não extinguiu-se no suporte material. Apesar de enfraquecido em relação ao passado, ainda hoje zines são produzidos com os mais variados assuntos. Hoje são sofisticados e de estética mais limpa, “aproximando-se do requinte das publicações do mercado. Ganham também novos formatos e formas de produção, facilitados pela revolução trazida pela informática (MAGALHÃES, 2003, p. 1). Andrade e Senna (2015, p.5) lembram que a criação com liberdade continua habitual na “fanzinagem”, estando presente nas “colagens, recortes de material (já veiculado em revistas da mídia oficial), textos escritos à mão, dobraduras inusitadas.”

Esse potencial do desenvolvimento criativo e de exercício da liberdade de expressão foi apropriado nos fazeres pedagógicos de professores de diferentes gradações do ensino para dinamizar as aulas. Boa parte das pesquisas e trabalhos sobre fanzines vem da área de Educação. É um formato democrático, de fácil produção que possibilita o trabalho com textos, imagens e o imaginário dos alunos. “O fanzine agrega, envolve pela simplicidade, pelo rompimento da relação burocrática entre o estudante e o papel, entre o produtor e suas expressões” (CAMPOS, 2009. p.7). Das séries iniciais à universidade, os fanzines se fazem

presentes. “É um estímulo ao uso da criatividade e do caráter de produção autônoma e vem a ser não só um ‘coringa’ na sala de aula, mas uma forma de trabalhar qualquer disciplina de forma reflexiva, consciente e divertida” (CAMPOS, 2009. p.7).

Realizado como extensão no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, em Imperatriz, o projeto “Zine experiência: Sibita – revista artesanal, coordenado pela professora Yara Medeiros<sup>3</sup>, estimula os alunos a produzirem uma publicação sobre a cultura da cidade. A escolha do fanzine como a ferramenta de experimentação do fazer jornalístico leva em consideração as peculiaridades regionais.

Imperatriz é a segunda maior cidade do Maranhão, estado com menor índice de acesso à internet do país. O mercado do jornalismo em meios digitais é ainda incipiente, assim como o de impressos. Os principais meios de comunicação são o rádio e a televisão, que destinam-se ao noticiário. Os impressos produzem pouco conteúdo próprio e publicam preferencialmente releases de assessorias e de teor político. No campo das revistas, o ponto vista é o hegemônico, com pautas voltadas ao consumo, bens e serviços e colunismo social. É um cenário deficiente de publicações que abordem os aspectos culturais locais.

Os estudantes dispõem de raros exemplos regionais. O curso de jornalismo é o principal produtor, porém os conteúdos são esporádicos e vinculados a disciplinas. O jornal-laboratório do curso, o Arrocha, é a maior referência, acumula 27 edições em seis anos de existência. Trata de temáticas da cidade com enfoque humanístico e é realizado pelas disciplinas laboratoriais de Jornalismo Impresso, Fotojornalismo e Planejamento Gráfico. Mas infelizmente, por falta de recursos, apenas as três primeiras edições foram impressas. O jornal é disponibilizado on-line na plataforma Issu<sup>4</sup>.

Henrique Magalhães, pioneiro pesquisador de fanzines no Brasil, lembra que a concentração da indústria cultural no eixo Rio de Janeiro/São Paulo é “um agravante para a veiculação de expressões regionais”. Para ele, “os fanzines são frutos também de grupos marginalizados cultural e geograficamente, bem como porta-vozes de um tipo de contracultura que denominamos genericamente de *underground*, alternativa ou independente” (MAGALHÃES, 2003, p. 2). Grão (2012, p.56) colabora com essa ideia ao afirmar que “uma das frentes de atuação do fanzine em todo mundo é a cobertura da cena cultural que a grande mídia não enxerga”.

---

<sup>3</sup> A partir do quarto número, em março de 2016, a iniciativa passou a ser coordenada pela professora Jordana Fonseca em virtude da idealizadora do projeto ter se afastado para cursar doutorado.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.imperatriznoticias.com.br/category/s23-institucional/jornal-arrocha/>

Para o ensino, o registro material editado e tratado como publicação é essencial à vivência acadêmica em jornalismo. Como lembra uma famosa expressão da profissão, “o impresso é pai de todos”. O fanzine em papel é um testemunho registrado por meio de um processo que entalha artesanalmente, com o corte e cola, os textos e os detalhes visuais. Para o aprendizado de jovens repórteres, é um formato que figura como uma oportunidade de conhecer e participar de todas as etapas de produção de uma publicação que incluem sua linha editorial, produção e edição de textos e imagens, revisão, reprodução, distribuição e avaliação da resposta do público. Etapas estas desenvolvidas com a concepção do “faça você mesmo”, que garantem a liberdade editorial para que o estudante sinta-se à vontade para usar a criatividade escolhendo o estilo de texto e o design das páginas.

A proposta está em consonância com as novas Diretrizes Curriculares dos Cursos de Jornalismo. Em seu artigo 2º, item II, recomenda o uso de metodologias de participação do aluno na construção do conhecimento. “Além de estimular a interação entre o ensino, a pesquisa e a extensão, propiciando suas articulações com diferentes segmentos da sociedade” (BRASIL, 2013, p.1). Participar de um corpo editorial colaborativo repercute ainda no desenvolvimento de habilidades necessárias ao trabalho jornalístico, visto que devem trabalhar em equipe, cooperar e cumprir o *deadline*, além de publicar e acompanhar o *feedback*. No Sibita, essa experiência é ainda coroada com um lançamento público e a venda dos exemplares, condição catalizadora de responsabilidade com a qualidade do produto.

### **A construção do sonho**

Ao conceber o projeto, buscou-se seduzir os alunos a participarem de forma voluntária, sem restrição de período e aberto a egressos e outros interessados. O cartaz de divulgação do projeto foi feito em colagem com a imagem de Carmem Miranda estampando os dizeres: “O que é que sua cabeça tem? Tem ideias incríveis tem? Princípios criativos tem? Venha ter liberdade como ninguémmmm?” Desta forma, o projeto apresentava seus princípios fundadores. A construção de um fanzine com liberdade criativa e respeito às ideias dos participantes.

Ao provocar o interesse com o material imagético, a resposta foi positiva. E compareceram à reunião de fundação 17 estudantes. Eles foram os responsáveis pela criação das editoriais e do nome do fanzine. Após a exposição teórica do que é fanzine e dos passos do projeto foi realizada a dinâmica de criação com a técnica da Árvore dos

Sonhos<sup>5</sup>. A partir da pergunta “qual o seu sonho para uma revista sobre a cultura de Imperatriz?”, cada estudante representou seu desejo em uma palavra exposta em uma colagem. Os “sonhos” foram apresentados e afixados em uma árvore. Ao final da dinâmica, o grupo plantou sua Árvore dos Sonhos (Figuras 1 e 2). Os conteúdos das colagens foram sistematizados agrupando os temas correlatos dando origem ao corpo principal do projeto editorial e às seções (comida, música, entrevista, dicas culturais, raça, ficção, poesia, ilustração, linguagem, movimentos jovens e sociais, jogos, lendas, cinema, história).

**Figuras 1 e 2** – A montagem da Árvore dos Sonhos



Fonte: Yara Medeiros e Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

O método utilizado difere da forma usual de produção de fanzines, pois normalmente os “zineiros” produzem conteúdos com forte carga pessoal e eles próprios são os editores. A iniciativa costuma ser do zineiro, que elege um tema com o qual tem afinidade e produz, na maioria das vezes sozinho, o conteúdo e a montagem. Essa essência está na etimologia da palavra fanzine, que é uma contração das palavras *fanatic* (fã) e *magazine* (revista), literalmente revista do fã ou revista do fanático.

No Projeto Zine Experiência, por se tratar de uma iniciativa para estudantes de jornalismo, a liberdade de criação é preservada, porém o estudante segue regras do fazer jornalístico respeitando a linha editorial e as orientações da editora, no caso a professora coordenadora.

<sup>5</sup> Esse é o primeiro passo da Oficina de Futuro, metodologia criada pelo Instituto Ecoar para a Cidadania para criação de projetos coletivos. É uma ferramenta eficiente para dar voz aos sujeitos, criar pertencimento e materializar em um projeto coletivo. A inspiração para esta metodologia foi uma grande “Árvore de Sonhos” onde as pessoas podiam deixar seu sonho para o futuro do planeta durante a Rio-92.

Buscou-se trabalhar o pertencimento dos alunos ao corpo editorial com reuniões informais, nas quais a opinião de todos são valorizadas e discutidas em grupo. Os pressupostos pedagógicos estão em consonância com as ideias de Paulo Freire. “O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” (FREIRE, 1987, p.44). Como educadora-educanda provoqueei os alunos a refletirem sobre sua própria identidade cultural ao mesmo tempo em que eu conhecia mais sobre a cidade, que não é minha terra natal. Freire (1987, p.44) conclui que assim crescemos juntos, “[...] os ‘argumentos de autoridade’ já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas”. Uma pedagogia alinhada ao espírito dos fanzines.

O nome do zine foi escolhido com esses princípios, o grupo foi provocado a sugerir expressões e palavras próprias da cidade. O exercício gerou uma chuva de ideias que ao mesmo tempo batizou a publicação e fez os estudantes refletirem sobre o que é peculiar em Imperatriz, aquecendo os laços culturais e gerando olhar curioso sobre a cidade.

O nome escolhido foi Sibita, palavra utilizada para designar uma pessoa magra. Como o formato sugerido foi um A4 dobrado na vertical, resultando em uma forma comprida e fina, os participantes consideraram o termo adequado, gerando empatia e satisfação. Foram necessários dois encontros para concluir o projeto editorial, o envolvimento após essas reuniões já era visível. A escolha dos conteúdos também é participativa, simula-se uma reunião de pauta e todos colaboram com ideias e fontes. Não há repórter exclusivo de editoria, há aqueles que preferiram fazer a pauta relacionada ao sonho que colou na árvore, mas não foi uma regra inexorável, as responsabilidades são divididas em acordo.

A técnica de produção é artesanal com a montagem realizada com o corte e cola. Porém, não é obrigatória, o estudante pode utilizar o computador para a composição desde que entregue sua página pronta em formato impresso para ser fotocopiada. Na prática, a maioria utiliza o computador para redigir os textos, buscar e produzir imagens, mas a montagem em estilo de *paste-up*<sup>6</sup> foi a mais utilizada pelos zineiros. Todo esse processo foi realizado para a elaboração do projeto editorial, sendo que a primeira edição teve caráter experimental com 20 páginas e foi chamada de Número 0 (Figura 3).

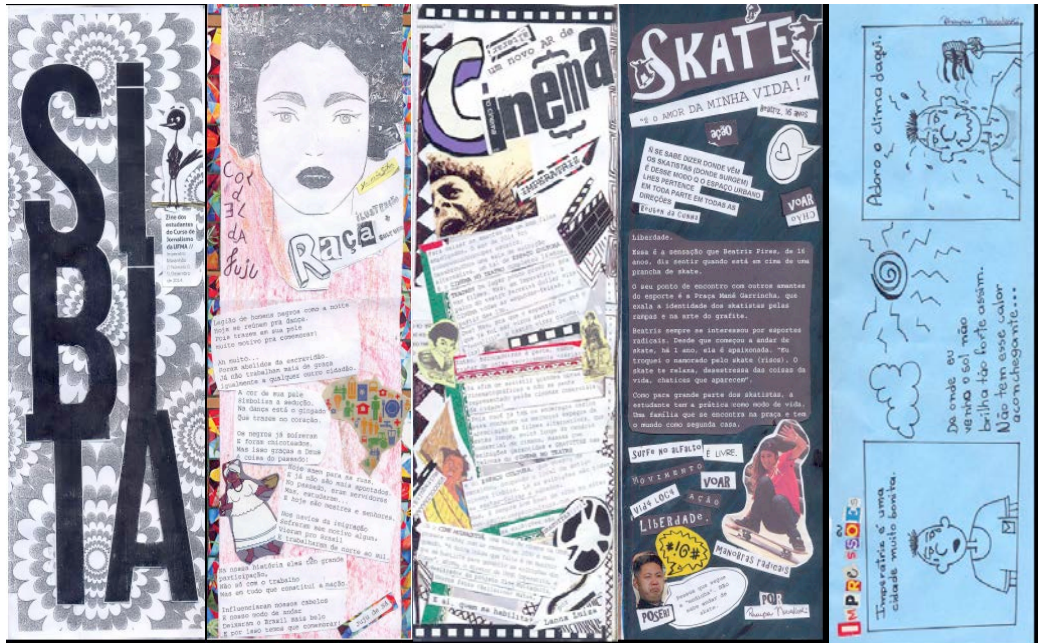
O processo ganhou ainda um componente fundamental: um mascote. Ao pesquisar sobre a origem da palavra sibita descobriu-se que há uma ave chamada sibito. A estudante Yasmim Silva desenhou então um pássaro para simbolizar a publicação. Ele foi para a capa

---

<sup>6</sup> Antes da editoração eletrônica, os meios impressos eram compostos com o corte e cola conhecido por *paste-up*, após a diagramação finalizada, a página passava pelo processo de fotocomposição para ser reproduzida.

(Figura 3) e tornou-se a marca registrada do zine<sup>7</sup>. Um elemento fundamental de elo com a publicação. O Sibita, além de ser o próprio fanzine, é também um personagem que faz parte do grupo. Quando o fanzine é lançado costumou-se dizer que ele vai voar.

**Figura 3** – Amostra de algumas páginas da matriz do Sibita número 0



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2014.

Lançado durante o VIII Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, em 4 de dezembro de 2014, na programação do evento, no Café Literário, o Número 0 (Figura 3) repercutiu entre os alunos do curso, a comunidade acadêmica e também fora dos muros da universidade, sendo noticiado pela mídia local<sup>8</sup>. Todos os 300 exemplares produzidos foram distribuídos para as fontes, participantes e vendidos por 1 real para custear a edição. Com a experiência testada e aprovada, o grupo avaliou a produção e comprometeu-se com a próxima edição. A responsabilidade aumentou com a repercussão e o grupo decidiu lançar o Número 1 (Figura 4) com uma confraternização no campus.

Atualmente, o Sibita está em sua terceira edição<sup>9</sup> com 24 páginas e custa 2 reais. São 300 exemplares fotocopiados em papel sulfite amarelo. A cultura de festejar o lançamento

<sup>7</sup> Muitos zineiros preferem chamar de zine ao invés de fanzine, pois atualmente as publicações versam sobre temas diversos não relacionados a cultura de fã.

<sup>8</sup> A TV Mirante, afiliada da Rede Globo, veiculou uma reportagem televisiva sobre o Sibita e sobre uma oficina de zine oferecida no evento. No site Imirante, o zine foi destaque na reportagem disponível em: <http://imirante.com/imperatriz/noticias/2014/12/04/sibita-revista-artesanal-mostra-curiosidades-sobre-itiz.shtml>

<sup>9</sup> Junho de 2015, Dezembro de 2015 e Março de 2016. A periodicidade é livre, acompanha o semestre letivo.

tornou-se marca do projeto (Figura 5). É o momento em que a edição é apresentada para a comunidade acadêmica, às fontes e aos demais interessados com um evento cultural programado com música, poesia, degustação de comidas (presentes na edição). A organização e custos são colaborativos, associados à venda do zine.

**Figuras 4 e 5 – Matrizes das páginas do número e lançamento do número 2**



Fonte: Arquivo Projeto Zine Experiência, 2015 e Roseane Arcanjo Pinheiro, 2015.

Em dezembro de 2015, durante a programação do IX Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, a segunda edição foi lançada juntamente com o Espaço Sibita (Figuras 6 e 7), uma sala de criação e exposição do trabalho realizado ao longo de 2015. Foram expostos resultados de oficinas oferecidas pelo projeto, fotos, os originais das páginas e disponibilizou-se materiais para desenhos e colagens dos visitantes. Inicialmente, o Espaço Sibita ficaria aberto durante três dias no Simpósio, mas, diante da empatia criada com alunos do curso, a sala permaneceu em funcionamento por dois meses (janeiro e fevereiro de 2016). Um grande painel de ilustrações e colagens foi preenchido pelos frequentadores. Tornou-se um local de reuniões, aulas, confraternizações, exposição e venda do zine.

**Figuras 6 e 7 – Espaço Sibita**



Fonte: Edmara Silva, 2015 e Natalia Catherine, 2015.



O ciclo de produção do fanzine é realizado em aproximadamente dois meses. No primeiro encontro da edição a ser elaborada são discutidas e divididas as pautas e é marcada a data de lançamento. O prazo para entrega da primeira versão do texto acontece, em média, três semanas antes do *deadline*. A coordenadora avalia o material e, a partir disso, agenda reuniões semanais de produção até o fechamento. Nesse encontros, a coordenadora corrige os textos e discute o visual das páginas. O grupo ainda prepara o roteiro e a logística do evento cultural de lançamento dividindo-se as responsabilidades. Depois das páginas prontas é realizada uma revisão geral e de texto do boneco<sup>10</sup>. A reprodução deve ser realizada quatro dias antes do lançamento para haver tempo hábil para reprodução e encadernação. Após o evento de lançamento, é realizada uma reunião de avaliação e distribuição dos exemplares dos autores, assim como as discussões das primeiras ideias para o próximo número. A periodicidade é livre, acompanha o período letivo, sendo que pelo menos uma edição deve ser produzida no semestre.

Consolidou-se a prática de discutir as pautas escolhidas, acompanhar o andamento da produção e deixar recados em geral via um grupo fechado no Facebook ao qual só membros e ex-membros têm acesso. Uma *fanpage*<sup>11</sup> também foi criada para dar visibilidade ao projeto na rede social do Facebook. A página abriga fotos, conteúdo sobre fanzines e divulga os eventos relacionados ao projeto, tais como oficinas e lançamentos. Um desafio para as próximas edições é aperfeiçoar o acesso digital, assim pode-se agregar estudantes que fiquem responsáveis pelos suportes digitais do zine e alcançar novos públicos. Inclusive, com produção de conteúdos próprios que complementem e divulguem as edições, criando uma extensão digital do Sibita.

### **Cultura e ensino em extensão: um pouso firme**

A procura e interesse pelo zine, além do envolvimento dos alunos com a publicação foram resultados observados assim que o Sibita começou a circular. Como as pautas refletem a identidade local, o público foi sendo construído na comunidade acadêmica e em contato com as fontes (bares, escolas, bairros, movimentos sociais). A circulação externa se dá em espaços culturais e de lazer e é vendido em duas bancas de revistas. Os temas geram identificação com os leitores por apresentar assuntos próximos do cotidiano dos moradores da cidade. Os textos são curtos e leves, o que facilita a edição e a capilaridade do fanzine. Em contato com públicos novos, o interesse é observado.

<sup>10</sup> Nas edições 0, 1 e 2, o professor Dr. Marcos Fábio Belo Matos realizou a revisão ortográfica.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Sibita-326957144174369/>

Que ideia massa! Adorei o jeito como vocês falam da nossa cidade, é descontraído e divertido. O formato é tão bonitinho, bem magrinho igual uma pessoa sibita mesmo, a gente consegue ler em segundos, era bom se os nossos livros fossem assim, uma linguagem mais acessível. (BEZERRA, 2016, p.35)<sup>12</sup>

O resultado mostra que ao explorar os aspectos da cultura local, os estudantes experimentam a força do valor-notícia proximidade. Considerado por Traquina (2005, p.80) fundamental para a cultura jornalística “em termos geográficos, mas também em termos culturais”, ou seja, quando o conteúdo está mais próximo do cotidiano do leitor há um interesse maior que o jornalista também considera relevante e digno de estar na pauta. Em uma cidade onde os meios de comunicação impressos estão mais voltados ao agendamento de assessorias de governo, políticos e empresas, a circulação de um produto com pauta livre e de proximidade agradou o público e, para os alunos, proporcionou a vivência do poder transformador do jornalismo quando está comprometido com o interesse público.

Em algumas reportagens veiculadas sobre o Sibita, ficaram registradas as impressões dos alunos. Entre os acadêmicos não participantes e também daqueles que produzem.

(...) o Sibita é o filhinho caçula do Curso de Jornalismo e, como bom filho caçula, é mimado por tudo mundo. Considero um projeto lindo demais. A comunicação no geral, incluindo o Jornalismo, pode ser trabalhada de diversas formas. Tem espaço para a criatividade, mas o que percebemos é que os estudantes e profissionais acabam sempre fazendo mais do mesmo. (informação verbal)<sup>13</sup>

Quando entrei na UFMA para cursar jornalismo, tinha a certeza de que iria encontrar projetos que me encantariam, por ser o curso dos meus sonhos. E eu não estava errada! (...) logo de cara conheci o Sibita, que me inspirou a ver as coisas de uma forma mais criativa e alegre.

(...) A iniciativa é tão interessante que chamou a atenção também de pessoas de outros cursos, que quando em contato com a revista amarelinha, acabam se apaixonando! (FONSECA, 2016, on-line)

Os participantes demonstram orgulho com o produto, eles se autodenominam e são conhecidos como sibiteiros.

É muita emoção fazer essa revista artesanal. Tenho certeza de que quando um jornalista passa por essa experiência, ele consegue ter um nível de criatividade muito interessante. É um convite à imaginação e à liberdade de expressão. (Informação verbal)<sup>14</sup>

O Jornalismo se reinventa constantemente e provoca um olhar diferente sobre as coisas e as pessoas. Então, que a partir desses mecanismos, possamos nos reinventar também. (Informação verbal)<sup>15</sup>

<sup>12</sup> Depoimento de Thays Pinheiro da Silva, aluna do 2º ano Centro de Ensino Professor Edinan Moraes, em 10/03/2015 (BEZERRA, 2016).

<sup>13</sup> Entrevista concedida pela estudante do curso Thaylissa Jorge. Disponível em: <https://engenhoculturalblog.wordpress.com/2016/02/16/cortar-e-colar-e-so-sibitar/> (MORAES; SANTOS, 2016, on-line)

<sup>14</sup> Entrevista concedida pela participante do projeto Lanna Luiza Bezerra. Disponível em: <https://engenhoculturalblog.wordpress.com/2016/02/16/cortar-e-colar-e-so-sibitar/> (MORAES; SANTOS, 2016, on-line)

**Figuras 8, 9** – Páginas das matrizes da edição 3 e o zine exposto para venda



Fonte: Arquivo Zine Experiência, 2016 e Natália Catherine, 2016.

O envolvimento foi revelado no começo do projeto, sendo que um dos marcos foi a iniciativa independente do grupo de formar um bloco de Carnaval do Sibita, em 2015. Pelo menos 25 pessoas desfilarão no concurso de blocos do município com fantasias com detalhes em papel. Na ocasião, a coordenadora estava viajando e os estudantes organizaram-se por si próprios.

Quanto às habilidades desenvolvidas, o amadurecimento é visível no texto que, a cada edição, é elaborado mais rápido e com menos erros. Por se tratar de um produto montado com o corte e cola, os participantes precisam ficar atentos às revisões, pois os concertos são feitos manualmente. Essa particularidade do fanzine faz com que o aluno tenha um contato palpável com a publicação e mais próximo com as consequências de disseminar erros. O esmero da edição para impresso ainda não foi superado ou igualado em meios digitais. Como as revisões são facilmente realizadas, os alunos acabam sendo menos rigorosos nos formatos digitais. Também tendem a enxergar menos os próprios deslizes.

No Sibita, os problemas detectados são consertados à mão. Quando é possível, a revisão é feita antes do lançamento em regime de mutirão (usando canetas, carimbos e até

<sup>15</sup> Entrevista concedida pelo participante do projeto Regilson Borges. Disponível em: <https://engenhoculturalblog.wordpress.com/2016/02/16/cortar-e-colar-e-so-sibitar/> (MORAES; SANTOS, 2016, on-line)

hidrográfica prateada para definir contrastes). Quando entregam o material, os sibeiros devem observar uma série de detalhes (texto revisado, margens corretas, contrastes, capricho na diagramação e criatividade) para garantir que sua página alcance qualidade satisfatória, pois a prática do design editorial é também um objetivo do projeto. Depois de pronta, a fotocópia resultante passa ainda por uma revisão do autor, da professora e de colegas voluntários. É um aprender fazendo.

Existe no formato escolhido uma significativa diversidade de gêneros jornalísticos exercitados tais como a charge, entrevista, opinião, reportagem, perfil e também de gêneros literários – conto, poesia e crônica e até jogos. Nesse ponto, observa-se que o resultado final do conteúdo aproxima-se da revista tradicional, mas difere por dar mais liberdade de criação. Mesmo usando a técnica de fanzine com texto informal e licenças para ousadias gráficas e estilísticas próprias da cultura zineira, a orientação geral é escrever para uma revista sobre a cidade com padrão gráfico aceitável e a diversidade do formato revista.

O potencial do fanzine para o aprendizado é divulgado em processos pedagógicos de todas as fases do ensino conforme já mencionado. Nos cursos de jornalismo há de se destacar, o trabalho em equipe, a materialização da publicação passo-a-passo e, no caso deste projeto, outro princípio desenvolvido é o da responsabilidade do fechamento. Com a proximidade do lançamento, que inclui divulgação, confraternização, convidados, a pressão do *deadline* é vivenciada. Condição pela qual todo jornalista será submetido em sua vida profissional. A página está em branco e o aluno é o responsável por preenchê-la, provando para a equipe que executou sua parte. Nem todos cumprem com exatidão, alguns entregam com atraso, mas têm consciência que podem prejudicar o todo.

A abertura do projeto para a comunidade em geral, egressos e colaboradores proporciona trocas entre pessoas de outras áreas e de jornalistas formados. Entre os participantes há um estudante de Letras e dois egressos do curso. Estudantes de todos os semestres podem participar, alargando esse potencial de cooperação.

Outra particularidade observada é o desenvolvimento efetivo da criatividade. Visto que eles são estimulados a procurar materiais inusitados para compor as páginas (recortes, folhas, papel amassado) e a pensar em pautas inéditas e que despertem interesse do público. Todos colaboram com ideias, fontes e imagens. O projeto atraiu estudantes com habilidades para ilustração e design. O mascote Sibita, por exemplo, já foi desenhado por três estudantes e ganhou várias representações. A seção dos quadrinhos é feita coletivamente, alguém se responsabiliza pelo roteiro e outro pela ilustração sempre com dilemas da cidade.

Na concepção de pauta, eles são provocados a conhecer mais sobre sua própria cultura e de certa forma, renovam a autoestima. As editorias são fixas e configuram-se como seções de revista. Há temas sobre a história e conhecimentos locais (Memória, Prata da Casa, Lendas Urbanas, Imperatrizômetro). Os repórteres exercitam o respeito pelo passado e conhecem mais sobre fontes históricas. As características do município e de seus moradores compõem uma parcela do conteúdo expostos nas seções Culinária, Entrevista, Mapa Étílico, Palavreado, Extra!, Forasteiros, Achados do Bairro, É o amor da minha vida.

Os textos diferem na forma, são perfis, reportagens e entrevista *ping pong*. Os gêneros literários conto e poesia apresentam temática livre. São publicados poemas dos alunos e de poetas consagrados. Os contos e crônicas versam sobre acontecimentos fictícios, porém reproduzem cenas e aspectos da cidade. Há o espaço para a crítica ambiental e social buscando desenvolver o olhar do repórter para problemas que afligem a população imperatrizense. Já foram abordados impactos de hidrelétricas no rio Tocantins, falta de transporte público, poluição dos córregos, arborização urbana, descaso com crianças e adolescentes de rua usuários de drogas e o caótico trânsito da cidade.

A publicação funciona como uma espécie de almanaque. Os leitores recomendam para pessoas que se mudam para a cidade e pretendem conhecer as características do município. O Sibita já é uma referência de documentação da cultura local.

### **Para voar alto**

Esta experiência tem demonstrado que a publicação despertou nos estudantes de jornalismo a consciência de sua responsabilidade com os leitores e o orgulho da profissão. Diferente de um suporte digital, que só pode ser aferido pelos comentários dos usuários e acessos – que nem sempre significam que o conteúdo foi lido –, a venda do fanzine e o lançamento do produto final aproxima os estudantes de seus leitores e fontes simulando a pressão do *deadline* e submetendo o trabalho a uma avaliação direta.

A materialidade do produto em papel agrega fatores de sedução mesmo com os nativos digitais. Ao presenciar sua produção circulando, comercializada e avaliada, o estudante de jornalismo experimenta a profissão em um ciclo completo. O fanzine como técnica de montagem e expressão dos acadêmicos é uma ferramenta eficaz. A produção artesanal demonstra significativo potencial pedagógico por colocar os alunos em contato com todas as etapas de produção de uma publicação. Da pauta à reprodução.

A prática dos gêneros jornalísticos desenvolve a criatividade de produção de texto e a revisão de um produto imutável. O formato permite ao estudante reconhecer nos detalhes a responsabilidade com a informação. Seja no texto ou visualidade, as páginas são o repórter. No projeto de extensão, ao mesmo tempo que são cobrados em sua responsabilidade editorial, o estudante experimenta a liberdade de expressão, podendo aguçar suas ideias.

A experiência aponta para a viabilidade do fanzine ser agregado também às experiências interdisciplinares. Como é um material de fácil produção e baixo custo, professores da área de redação e programação visual podem desenvolver projetos conjuntos. E em disciplinas como Gêneros Jornalísticos e Redação e Expressão Oral podem ser desenvolvidas como método para exercitar vários tipos de texto. Sobretudo nos semestres iniciais, é uma forma de colocar os alunos em contato com a experiência de publicar. É, ainda, um estímulo à descoberta de talentos para gêneros pouco explorados nas aulas de jornalismo como a charge, o *cartoon* e o trabalho como editores de contos, crônicas, poesias e conteúdos de entretenimento.

Esta é uma área de estudos em expansão no Brasil. Os fanzines existem no país desde a década de 1970, mas só começaram a ser estudados 30 anos depois. Em Imperatriz, ex-zineiros foram detectados e a área apresenta possibilidades para pesquisas e projetos experimentais. Em 2016, o primeiro trabalho de conclusão sobre fanzine foi realizado no curso por Lanna Luiza Bezerra, uma das líderes do Sibita, que já praticava a cultura zineira antes de participar do projeto. A proposta foi utilizar a educomunicação para produzir zines em escolas do município, contribuindo para a expressão e o olhar crítico sobre a mídia.

Colabora para a iniciativa, a escolha de um tema próximo aos acadêmicos: a cultura de onde vivem. O exercício desse olhar é também uma forma de reconhecer sua própria identidade, aprimorando o afeto e conhecimento pela cidade.

Por se tratar de uma extensão voluntária, sem vínculo de avaliação por nota, o envolvimento se dá pelo apego e orgulho da produção e participação em um projeto alternativo. A forma de coordenar as atividades é também fundamental para que os estudantes percebam sua responsabilidade e, mais que isso, sintam-se importantes para a equipe. A metodologia de dar voz às opiniões dos alunos, sem imposições autoritárias, gera confiança e respeito. As reuniões de fechamento, as confraternizações de lançamento e de fim de ano e a montagem do Espaço Sibita estimularam um clima de equipe de redação. São atividades que desenvolvem o pertencimento a um meio de comunicação assim como torna a vivência universitária diversificada. O próprio processo é também o resultado.

Se pode-se destacar um aspecto principal da experiência do Sibita, talvez esta seja, justamente, o envolvimento afetivo com o jornalismo a partir do entendimento do poder de uma publicação. Em um momento em que a profissão é criticada e desacreditada, é gratificante ver um futuro jornalista participando do lançamento de um produto, orgulhoso do que fez, vivendo o gosto da autoria. É um treino profícuo para sentirem na pele as riquezas e as dificuldades de ser autor, de informar, de publicar. Ser jornalista não está fácil, mas o amor por sua essência desperta-se na universidade. Que esse amor seja alimentado com processos criativos para que possam voar alto.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, S. S.; SENNA, N.C. Fanzines na sala de aula: expressividade e autoralidade. In: **Anais eletrônicos** do 24º Encontro da ANPAP. Santa Maria-RS, 2015. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s5/sandro\\_silva\\_de\\_andrade\\_nadia\\_da\\_cruz\\_senna.pdf](http://anpap.org.br/anais/2015/simposios/s5/sandro_silva_de_andrade_nadia_da_cruz_senna.pdf) Acesso em: 28 mai. 2016.
- BEZERRA, L. L. S. **Projeto zine itinerante**: jornalismo em sintonia com a educação no Centro de Ensino Professor Edinan Moraes. Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo. Imperatriz-MA: UFMA, 2016.
- BRASIL. Resolução Nº 1, de 27 de Setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. **Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Superior**. Brasília-DF. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category\\_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14242-rces001-13&category_slug=setembro-2013-pdf&Itemid=30192). Acesso em: 29 mai. 2016.
- CAMPOS, F. R. Fanzine: da publicação independente à sala de aula. **Pôster** apresentado no III Encontro Nacional sobre Hipertexto. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2009. <<https://www.ufpe.br/nehte/hipertexto2009/anais/b-f/fanzine.pdf>>. Acesso em 29 mai. 2016.
- FONSECA, C. F. Sibita: A revista mais criativa que já vi!. **Ana Clarissa Fonseca**, Imperatriz-MA, Mar. 2016. Disponível em: <http://www.anaclarissafonseca.com.br/2016/03/sibita-revista-mais-criativa-que-ja-vi.html>. Acesso em 29 mai. 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro-RJ: Paz e Terra, 1987.
- GRÃO, F. Os fanzines invadem as universidades. In: UTESCHER, Douglas (org.). **2º Anuário de fanzines, zines e publicações alternativas**. São Paulo, n. 2, p. 54-57, abr. 2012.
- MAGALHÃES, H. **O que é fanzine**. Ed. Brasiliense: São Paulo-SP, 1993.
- \_\_\_\_\_. A mutação radical dos fanzines. **Anais eletrônicos** do XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belo Horizonte-MG, 2003. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/23855420395572684142017768791080460345.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2016.
- MEDEIROS, Y. **Zine experiência**: Sibita – revista artesanal. Projeto de Extensão. Imperatriz-MA: UFMA, 2015.
- MORAES, E.; SANTOS, M. Cortar e colar é só sibirar. **Engenho Cultural Blog**. Disponível em: <https://enghoculturalblog.wordpress.com/2016/02/16/cortar-e-colar-e-so-sibirar/> Acesso em: 28 mai. 2016.